

TEORIAS E PRÁTICAS DA LEITURA

Prof. Thiago Mio Salla

Resumo, Resenha e Fichamento como Modos de Leitura

Epígrafes

“Não é no espaço que devo buscar minha dignidade, mas na ordenação de meu pensamento. Não terei mais, possuindo terras; pelo espaço, o universo me abarca e traga como um ponto; pelo pensamento, eu o abarco” (PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 178).

Epígrafes

O resumo é uma forma reduzida de informação. É o resultado de um processo mental de compreensão desencadeado ao sermos expostos a qualquer situação de comunicação. Diz-se também que resumir é sumarizar a informação e que o resumo, produto desse processo, é a evidência, isto é, a comprovação de que houve, efetivamente, compreensão da informação a que o sujeito foi exposto (LEITE, Marli Quadros. *Resumo*. São Paulo: Paulistana, 2006, p. 11).

Gênero – Definição

gênero (do latim *genus, eris*) significa tempo de nascimento, origem, classe, espécie, geração.

Os **gêneros discursivos** correspondem a modelos textuais social e historicamente construídos. São impostos por meio de convenções consagradas, inerentes ao ritualismo da vida social. Predispõe o ouvinte ou o leitor a processar adequadamente o texto que comunica.

Tipos de enunciados *relativamente* estáveis de acordo com as diferentes esferas de utilização da língua. Levam em conta três dimensões:

- Conteúdo temático – não se trata de um assunto específico de um texto, mas, em sentido mais amplo, de um domínio de sentido de que se ocupa o gênero. Por exemplo: as cartas de amor apresentam o conteúdo temático das relações amorosas.

Gênero – Definição

- Estilo verbal (seleção operada nos recursos da língua) – recursos lexicais, fraseológicos, gramaticais, em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva e ativa do enunciado).
 - “Há, assim, um estilo oficial, que usa formas respeitosas, como nos requerimentos, discursos parlamentares etc.” (configura-se um interlocutor superior a nós).
 - “Um estilo objetivo-neutro, em que há uma identificação entre locutor e seu interlocutor, como nas exposições científicas”.
 - “Um estilo familiar, em que se vê o interlocutor fora do âmbito das hierarquias e das convenções sociais, como nas brincadeiras com os amigos” (informalidade em relação à linguagem).



Gênero – Definição

- “Um estilo íntimo em que a fusão dos parceiros da comunicação, como nas cartas de amor, de onde emerge todo um modo de tratamento do domínio daquilo que é mais privado”.
- Construção composicional – tipo de estruturação e de conclusão de um todo; tipo de relação entre locutor e outros parceiros da comunicação verbal. Por exemplo, no que diz respeito ao gênero carta, “é preciso ancorá-la num tempo, num espaço e numa relação de interlocução para que os dêiticos utilizados possam ser compreendidos. É por isso que as cartas trazem a indicação do local e da data em que foram escritas e o nome de quem escreve e da pessoa para quem se escreve” (FIORIN, José Luiz. *op. cit.*, p. 62).

Exemplo 1 – Notícia Jornalística

UOL HOST PAGSEGURO CURSOS LOJA VIRTUOL



Q BUSCA BATE-PAPO EMAIL

MENU ASSINE

FOLHA DE S.PAULO



ENTRAR BUSCAR

poder > eleições 2018 apuração 1º turno lava jato entrevistas com pré-candidatos entrevista da 2ª folha 97

AGÊNCIA LUPA PIAUÍ

ELEIÇÕES 2018

Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp

Com contratos de R\$ 12 milhões, prática viola a lei por ser doação não declarada



18.out.2018 às 2h00

EDIÇÃO IMPRESSA

A- A+

Patrícia Campos Mello

SÃO PAULO Empresas estão comprando pacotes de disparos em massa de mensagens contra o PT no [WhatsApp](#) e preparam uma grande operação na semana anterior ao segundo turno.

A prática é ilegal, pois se trata de [doação de campanha](#) por empresas, vedada pela legislação eleitoral, e não declarada.

A **Folha** apurou que cada contrato chega a R\$ 12 milhões e, entre as empresas compradoras, está a [Havan](#). Os contratos são para disparos de centenas de milhões de mensagens.

relacionadas

Jair Bolsonaro propôs projeto favorável ao WhatsApp

Haddad diz que juiz Sergio Moro fez bom trabalho na Lava Jato

Exemplo 1 – Notícia Jornalística

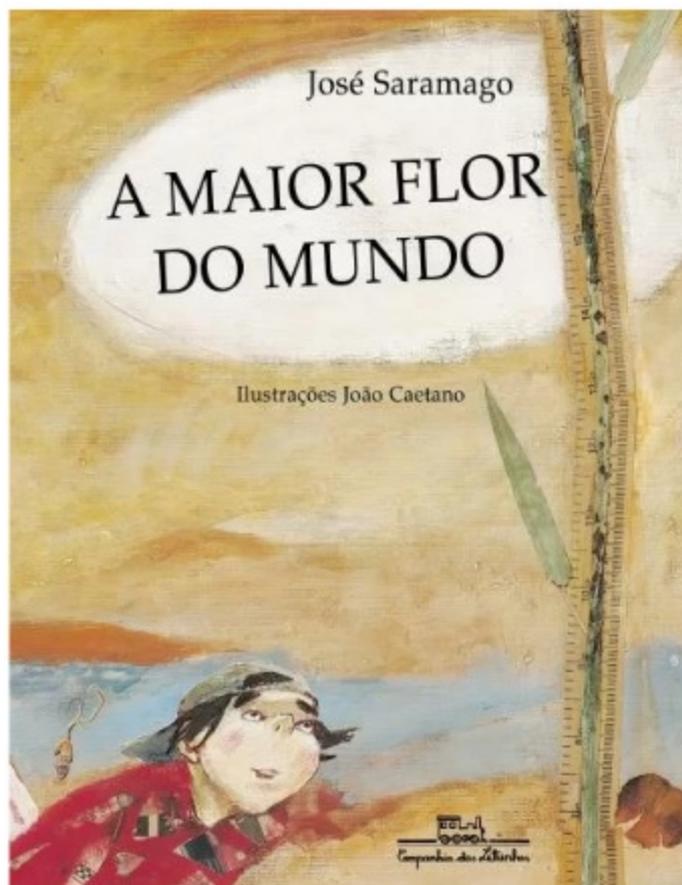
GÊNERO – NOTÍCIA JORNALÍSTICA

Conteúdo temático – relato jornalístico a respeito de um tema que desperta interesse na coletividade a qual o veículo comunicativo se dirige.

Estilo verbal – construção dos efeitos de objetividade, distanciamento e verdade por parte do narrador que se vale da terceira pessoa, do uso das aspas e da ancoragem deliberada do texto num contexto sócio-histórico específico.

Construção composicional – editoria, título, linha fina, repórter, *lead* e a especificação das informações que constam deste último.

Exemplo 2 – Entrada de Catálogo



COMPANHIA das Letras –
Catálogo. São Paulo: Companhia
das Letras, 2016, p. 173

A MAIOR FLOR DO MUNDO

JOSÉ SARAMAGO

Ilustrações de JOÃO CAETANO

Saramago nos conta que um dia desejou o impossível: ser o autor “da mais linda de todas as histórias que se escreveram desde o tempo dos contos de fadas e princesas encantadas...”. Criando um jogo de metalinguagem, conta também a história de um menino que realizou o impossível: fez uma simples flor dar sombra como se fosse um carvalho. Depois, quando o menino “passava pelas ruas, as pessoas diziam que ele sairia da aldeia para ir fazer uma coisa que era muito maior do que o seu tamanho e do que todos os tamanhos”.

32 pp. – Brochura – 20 x 27 cm

ISBN 978-85-7406-116-0



FNLIJ – CATEGORIA CRIANÇA – 2001

Exemplo 2 – Entrada de Catálogo

GÊNERO – APRESENTAÇÃO DE LIVRO EM CATÁLOGO

Conteúdo temático – apresentação de livro que faz parte do catálogo da editora (parte em meio ao todo).

Estilo verbal – texto objetivo e sintético (informações centrais e mínimas) capaz de apresentar o tema e/ou o assunto do livro em questão para um leitor interessado quer em conhecer o catálogo da editora, quer em, eventualmente, conhecer/adquirir o volume em questão. Cada entrada do catálogo ajuda a mapear a produção da casa editorial.

Construção composicional – foto da capa do livro, texto de apresentação da obra que deve ter entre 400 e 500 caracteres com espaços e lista de informações bibliográficas (autor, editor, ano, formato, número de páginas e ISBN)

Resumo – concisão, seleção e generalização: definição

Redução de um texto, mediante a **reescritura parafrástica**, a seu **esqueleto essencial**, sem perder de vista três elementos:

- ❖ cada uma das partes estruturais do texto;
- ❖ a progressão em que elas se sucedem;
- ❖ a correlação que o texto estabelece entre cada uma dessas partes.

Não cabem num resumo:

- ❖ comentários ou julgamentos ao que está sendo condensado;
- ❖ a reprodução de frases do texto original, construindo uma espécie de “colagem”.

Resumo – concisão, seleção e generalização: definição

Além disso, deve-se considerar

- ❖ No resumo, há a menção ao autor do original em diferentes partes do texto sumarizado (sinonímia lexical e coextensão) e mais especificamente às ações realizadas por este (o autor questiona, debate, explica etc. – atribuição de atos ; verbos performativos) – explicitação das relações entre as ideias do texto (destaque para conectivos e organizadores textuais – coesão e progressão textual);
- ❖ O resumo se mostra compreensível por si mesmo por um leitor que não conhece o texto original.
- ❖ O destinatário do resumo já conhece o texto, mas é necessário dar informações centrais para que ele possa avaliar a compreensão global do escrito manifestada por aquele que se põe a sumariá-lo.

Resumo – o processo de sumarização

Sumarização: Processo mental inerente à produção de resumos (e à leitura de um modo geral).

Possibilidades:

- Apagamento de conteúdos facilmente inferíveis a partir de nosso conhecimento de mundo.
- Apagamento de sequências de expressões que indicam sinônimos ou explicações.
- Apagamento de exemplos.
- Apagamento das justificativas de uma afirmação.
- Apagamento de argumentos contra a posição do autor.
- Reformulação das informações, utilizando termos mais genéricos.
- Conservação de todas as informações, dado que elas não são resumíveis.

Resumo – o processo de sumarização

1. *No supermercado, Paulo encontrou Margarida, que estava usando um lindo vestido azul de bolinhas amarelas.*

Sumarização: Paulo encontrou Margarida.

Informações excluídas: circunstâncias que envolvem o fato (no supermercado), qualificações/descrições de personagens (que estava usando um lindo vestido de bolinhas amarelas).

2. *Você deve fazer as atividades, pois, do contrário, não vai aprender e vai tirar nota baixa.*

Sumarização: Você deve fazer as atividades.

Informações excluídas: justificativas para uma afirmação.

3. *Maria era uma pessoa boa. Gostava de ajudar as pessoas.*

Sumarização: Maria era uma pessoa boa

Informações excluídas: Apagamento de conteúdos facilmente inferíveis a partir de nosso conhecimento de mundo.

Resumo – o processo de sumarização

4. *De manhã, lavou a louça, varreu a casa, tirou o pó e passou a roupa. À tarde, foi ao banco pagar contas, retirar talão de cheques e extrato e, à noite, preparou aula, corrigiu os trabalhos.*

Sumarização: De manhã, cuidou da casa; à tarde, foi ao banco e, à noite, trabalhou.

Informações excluídas: Só é possível resumir reformulando as orações e utilizando termos mais genéricos.

5. *O Iluminismo ataca as injustiças, a intolerância religiosa e os privilégios típicos do Antigo Regime.*

Sumarização: Não é possível resumir.

Informações excluídas: Nenhuma. Todas as informações são importantes, porque o Iluminismo não ataca só uma das afirmações, mas todas.

Resumo – o processo de sumarização

6. A pena de morte tem muitos argumentos a seu favor, mas nada justifica tirar a vida de nossa semelhante.

Sumarização: Nada justifica tirar a vida de nosso semelhante.

Informações excluídas: Apagamento de argumentos contra a posição do autor.

7. No resumo de uma narração, podem-se suprimir as descrições de lugar, de tempo, de pessoas ou de objetos, se elas não são condições necessárias para a realização da ação. Por exemplo, descrever um homem como ciumento pode ser relevante, e, portanto, essa descrição não poderá ser suprimida, se é essa qualidade que determinará que o homem assassine sua esposa. Já sua descrição como alto e magro poderá, neste caso, ser suprimida.

Resumo – o processo de sumarização

Sumarização: No resumo de uma narração, podem-se suprimir as descrições de lugar, de tempo, de pessoas ou de objetos, se elas não são condições necessárias para a realização da ação.

Informações excluídas: O exemplo foi eliminado.

Resumo – feitura (proposta)

Processo de composição de um resumo (proposta):

- ❖ Necessidade de compreensão prévia do conteúdo global do texto.
- ❖ Não é possível ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.
- ❖ Para apreender a unidade de sentido de um texto (noção de conjunto das partes que o integram), faz-se necessário lê-lo, ininterruptamente, do começo ao fim. Tal processo deve ter em vista a resposta à seguinte questão: do que trata o texto?
- ❖ Em seguida, dar início a uma segunda leitura. Esta deve ser feita com interrupções, tendo em vista o processo de apreensão e compreensão do texto.

Resumo – feitura (proposta)

- ❖ Num terceiro momento, tentar fazer uma segmentação do texto em blocos de ideias que tenham alguma unidade de significação. De início, pode-se adotar como primeiro critério de segmentação a divisão em parágrafos. Quando se trata de um texto maior (o capítulo de um livro, por exemplo) é conveniente adotar um critério de segmentação mais funcional, o que vai depender de cada texto (as oposições entre os personagens, as oposições de espaço, de tempo).
- ❖ Busca dos subtemas ou tema presente em cada segmento. Em linhas gerais, com palavras abstratas e mais abrangentes, tenta-se resumir a ideia ou as ideias centrais de cada fragmento.
- ❖ Por fim, dar a redação final com suas próprias palavras, procurando não só condensar os segmentos, mas encadeá-los na progressão em que se sucedem no texto e estabelecer as



Resumo – feitura (proposta)

relações entre eles. Segundo a NBR 6028 da ABNT, deve-se evitar o uso de parágrafos no meio do resumo. Portanto, o resumo é constituído de um só parágrafo.

Paráfrase: Imitação, Interpretação, Explicação em que o autor se fia ao sentido do texto.

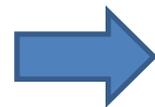
Resumo – exemplo

“Nós, antropólogos sociais, que sistematicamente estudamos sociedades diferentes, fazemos isso quando viajamos. Em contato com sistemas sociais diferentes, tomamos consciência de modalidades de ordenação espacial diversas que surgem aos nossos sentidos de modo insólito, apresentando problemas sérios de orientação (...). E foi curioso e intrigante descobrir em Tóquio que as casas têm um sistema de endereço pessoalizado e não impessoal como o nosso. Tudo muito parecido com as cidades brasileiras do interior onde, não obstante cada casa ter um número e cada rua um nome, as pessoas informam ao estrangeiro a posição das moradias de modo pessoalizado e até mesmo íntimo: “A casa do Seu Chico fica ali *em cima*... do lado da mangueira... é uma casa com cadeiras de lona na varanda... tem janelas verdes e telhado bem velho... fica logo depois do armazém do Seu Ribeiro...” Aqui,



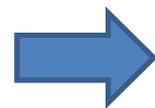
Resumo – exemplo

como vemos, o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido. Aliás, nesses sistemas, pode-se dizer que o espaço não existe como uma dimensão social independente e individualizada, estando sempre misturado, interligado ou “embebido” — como diria Karl Polanyi — em outros valores que servem para orientação geral. No exemplo, sublinhei a expressão “em cima” para revelar precisamente esse aspecto, dado que a sinalização tão banalizada no universo social brasileiro do “em cima” e do “embaixo” nada tem a ver com altitudes topograficamente assinaladas, mas exprimem regiões sociais convencionais e locais. Às vezes querem indicar antiguidade (a parte mais velha da cidade fica mais “em cima”). Noutros casos pretendem sugerir segmentação social e econômica: quem mora



Resumo – exemplo

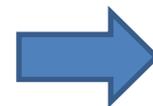
ou trabalha “embaixo” é mais pobre e tem menos prestígio social e recursos econômicos. Tal era o caso da cidade de Salvador no período colonial, quando a chamada “cidade baixa”, no dizer de um historiador do período, “era dominada pelo comércio e não pela religião” (dominante, junto com os serviços públicos mais importantes, na “cidade alta”). “No cais — continua ele dando razão aos nossos argumentos — marinheiros, escravos e estivadores exerciam controle e a área muito provavelmente fervilhava com a mesma bulha que lá se encontra hoje em dia” (Cf. Schwartz, 1979: 85). Do mesmo modo e pela mesma sorte de lógica social, são muitas as cidades brasileiras que possuem a sua “rua Direita” mas que jamais terão, penso eu, uma “rua Esquerda”! Foi assim no caso do Rio de Janeiro, que além de ter a sua certíssima rua Direita, realmente localizada à direita do largo do Paço, possuía também as suas ruas dos Pescadores, Alfânde-



Resumo – exemplo

-ga, Quitanda (onde havia comércio de fazenda), Ourives — dominada por joalheiros e artífices de metais raros — e muitas outras, que denunciavam com seus nomes as atividades que nelas se desenrolavam. Daniel P. Kidder, missionário norte-americano que aqui residiu entre 1837 e 1840, escreveu uma viva e sensível descrição das ruas do Rio de Janeiro e do seu “movimento”, não deixando de ressaltar no seu relato alguma surpresa pelos seus estranhos nomes e sua notável, diria eu, metonímia ou unidade de continente e conteúdo.

Ora, tudo isso contrasta claramente com o modo de assinalar posições das cidades norte-americanas, onde as coordenadas de indicação são positivamente geométricas, decididamente topográficas e, por causa disso mesmo, pretendem-se estar classificadas por um código muito mais universal e racional. Assim, as cidades dos Estados Unidos se orientam muito mais em termos de pontos cardeais — Norte/Sul,



Resumo – exemplo

Leste/Oeste — e de um sistema numeral para ruas e avenidas, do que por qualquer acidente geográfico, ou qualquer episódio histórico, ou — ainda — alguma característica social e/ou política. Nova York, conforme todos sabemos, é o exemplo mais bem-acabado disso que é, porém, comum a todos os Estados Unidos. Se lá então é mais difícil para um brasileiro navegar socialmente nas cidades e estradas, é simplesmente porque ele (ou ela) não está habituado a uma forma de denotar o espaço onde a forma de notação surge de modo muito mais individualizado, quantificado e impessoalizado”.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp. 25-27.

Resumo – exemplo

Tema: o modo distinto como cada sistema social organiza o espaço.

Percurso temático:

- 1) Proposição – afirmação de que existem diferentes maneiras de ordenação espacial;
- 2) Ilustração – Em seguida, ilustração dessa ideia, comparando a maneira de ordenar e denominar o espaço nas cidades brasileiras e a de fazer a mesma operação nas cidades norte-americanas.

Resumo – exemplo

O texto divide-se em duas **grandes partes**: proposição e ilustração. A segunda parte divide-se segundo o critério de oposição espacial: Brasil x Estados Unidos (Tóquio não é levada em conta, porque a observação a respeito dos endereços no Japão serve apenas para introduzir o problema da indicação dos endereços no Brasil). Para facilitar, podemos segmentar o texto em três partes:

Segmentos em que se pode dividir o texto:

- 1) "Nós, antropólogos sociais" até "problemas sérios de orientação";
- 2) "E foi curioso e intrigante" até "unidade de continente e de conteúdo";
- 3) "Ora, tudo isso contrasta" até o fim.

Resumo – exemplo

Resumo de cada uma das partes:

- 1) Existência de uma ordenação espacial peculiar a cada sistema social;
- 2) Brasil — ordenação e denominação do espaço a partir de critérios pessoais, sociais;
- 3) Estados Unidos — ordenação e denominação do espaço a partir de critérios impessoais.

Resumo – exemplo

Proposta de redação do resumo:

Cada sistema social concebe a ordenação do espaço de uma maneira típica. No Brasil, o espaço não é concebido como um elemento independente dos valores sociais, mas está embebido neles. Expressões como “em cima” e “embaixo”, por exemplo, não exprimem propriamente a noção de altitudes, mas indicam regiões sociais. As avenidas e ruas recebem nomes indicativos de episódios históricos, de acidentes geográficos ou de alguma característica social ou política. Nas cidades norte-americanas, a orientação espacial é feita pelos pontos cardeais e as ruas e avenidas recebem um número e não um nome. Concebe-se, então, o espaço como um elemento dotado de impessoalidade, sem qualquer relação com os valores sociais.

Resumo – item constitutivo de outros gêneros

Outros gêneros que trabalham com a sumarização de conteúdos:

Indicação de filmes

Crítica de filmes

Quarta-capa de livros

Resumo introdutório de artigo (abstract)

Resumo de livro

Orelha de livro

Resenha de livro

Etc...

Resenha

Resenhar significa:

- ❖ fazer uma relação das propriedades de um objeto;
- ❖ enumerar cuidadosamente seus aspectos relevantes (processo seletivo de acordo com o público a que o texto se destina);
- ❖ descrever as circunstâncias que o envolvem, o que inclui estabelecer relações dele com outras obras, bem como trazer informações sobre o contexto de produção e recepção do original resenhado.

O **objeto resenhado** pode ser um acontecimento qualquer da realidade (um jogo de futebol, uma comemoração solene, uma feira de livros) ou textos e obras culturais (um romance, uma peça de teatro, um filme).

Resenha

Com efeito, a importância do que se vai relatar numa resenha depende da **finalidade** a que ela se presta.

Por exemplo: numa resenha de livros para o grande público leitor de jornal, não tem o menor sentido descrever com pormenores os custos de cada etapa de produção do livro, o percentual de direito autoral que caberá ao escritor e coisas desse tipo. A resenha pode ser puramente descritiva, isto é, sem nenhum julgamento ou apreciação do resenhador, ou crítica, pontuada de apreciações, notas e correlações estabelecidas pelo juízo crítico de quem a elaborou.

Resenha

1) A **resenha descritiva** consta de:

a) uma parte descritiva (como o próprio nome diz) em que se dão informações sobre o texto:

— nome do autor (ou dos autores);

— título completo e exato da obra (ou do artigo);

— nome da editora e, se for o caso, da coleção de que faz parte a obra;

— lugar e data da publicação; — número de volumes e páginas.

Pode-se fazer, nessa parte, uma descrição sumária da estrutura da obra (divisão em capítulos, assunto dos capítulos, índices, etc...).

— No caso de uma obra estrangeira, é útil informar também a língua da versão original e o nome do tradutor (se se tratar de tradução).

Resenha

b) uma parte com o resumo do conteúdo da obra:

— indicação sucinta do assunto global da obra (assunto tratado) e do ponto de vista adotado pelo autor (perspectiva teórica, gênero, método, tom, etc...);

— resumo que apresenta os pontos essenciais do texto e seu plano geral.

2) Na **resenha crítica**, além dos elementos já mencionados, entram também comentários e julgamentos do resenhador sobre as ideias do autor, o valor da obra, etc...

Resenha – exemplo

MEMÓRIA — ricas lembranças de um precioso modo de vida

O *Diário de uma garota* (Record, Maria Julieta Drummond de Andrade) é um texto que comove de tão bonito. Nele o leitor encontra o registro amoroso e miúdo dos pequenos nada que preencheram os dias de uma adolescente em férias, no verão antigo de 1941 para 1942.

Acabados os exames, Maria Julieta começa seu diário, anotado em um caderno de capa dura que ela ganha já usado até a página 49. É a partir daí que o espaço é todo da menina, que se propõe a registrar nele os principais acontecimentos destas férias para mais tarde recordar coisas já esquecidas.

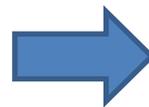
O resultado final dá conta plena do recado e ultrapassa em muito a proclamada modéstia do texto que, ao ser concebido, tinha como destinatária única a mãe da autora, a quem o caderno deveria ser entregue quando acabado.



Resenha – exemplo

E quais foram os afazeres de Maria Julieta naquele longínquo verão? Foram muitos, pontilhados de muita comilança e de muita leitura: cinema, doce de leite, novena, o *Tico-Tico*, doce de banana, teatrinho, visita, picolés, missa, rosca, cinema de novo, sapatos novos de camurça branca, o *Cruzeiro*, bem-casados, romances franceses, comunhão, recorte de gravuras, *Fon-Fon*, espiar casamentos, bolinho de legumes, festas de aniversário, Missa do Galo, carta para a família, dor de barriga, desenho de aquarela, mingau, indigestão... Tudo parecia pouco para encher os dias de uma garota carioca em férias mineiras, das quais regressa sozinha, de avião.

Tantas e tão preciosas evocações resgatam do esquecimento um modo de vida que é hoje apenas um dolorido retrato na parede. Retrato, entretanto, que, graças à arte de Julieta, escapa da moldura, ganha movimentos, cheiros, risos e vida.



Resenha – exemplo

O livro, no entanto, guarda ainda outras riquezas: por exemplo, o tom autêntico de sua linguagem, que, se como prometeu sua autora, evita as pompas, guarda, não obstante, o sotaque antigo do tempo em que os adolescentes que faziam diários dominavam os pronomes cujo/a/os/as, conheciam a impessoalidade do verbo haver no sentido de existir e empregavam, sem pestanejar, o mais-que-perfeito do indicativo quando de direito... Outra e não menor riqueza do livro é o acerto de seu projeto gráfico, aos cuidados de Raquel Braga. Aproveitando para ilustração recortes que Maria Julieta pregava em seu diário e reproduzindo na capa do livro a capa marmorizada do caderno, com sua lombada e cantoneiras imitando couro, o resultado é um trabalho em que forma e

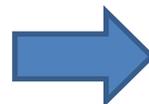
Resenha – exemplo

conteúdo se casam tão bem casados que este *Diário de uma garota* acaba constituindo uma grande festa para seus leitores.

LAJOLO, Marisa. “Memória – ricas lembranças de um precioso modo de vida”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 18 jan. 1986.

Observações:

O texto é uma resenha crítica, pois nele a resenhadora apresenta um breve resumo da obra, mas também faz uma apreciação do seu valor (exemplo, 1º período do 1º parágrafo, 3º parágrafo). Ao comentar a linguagem do livro (6º parágrafo), emite um juízo de valor sobre ela, estabelecendo um paralelo entre os adolescentes da década de 1940 e os de hoje do ponto de vista da capacidade de se expressar por escrito. No último parágrafo comenta o projeto gráfico da obra e faz uma apreciação a respeito dele.



Resenha – exemplo

Ao sumarizar a obra, a resenhadora faz uma indicação sucinta do conteúdo global da obra ("registro amoroso e miúdo dos pequenos nada que preencheram os dias de uma adolescente em férias, no verão antigo de 41 para 42"), mostra o gênero utilizado pela autora (diário) e, depois, relata os pontos essenciais do livro (um rol dos pequenos acontecimentos da vida da adolescente em férias). A parte descritiva é reduzida ao mínimo indispensável. Apenas o título completo da obra, a editora e o nome da autora são indicados. Estamos diante de uma resenha muito bem-feita, pois se atém apenas aos elementos pertinentes para a finalidade a que se destina: informar o público leitor sobre a existência e as qualificações do livro.

Fichamento – definição e utilidades

Parte importante de uma pesquisa, o fichamento é uma forma de investigar que se caracteriza pelo ato de fichar (registrar e selecionar) todo o material necessário à compreensão de um texto ou tema. Instrumentos imprescindíveis para o pesquisador, as fichas permitem:

- ❖ identificar as obras;
- ❖ conhecer seu conteúdo;
- ❖ fazer citações;
- ❖ analisar o material;
- ❖ elaborar críticas;
- ❖ facilitação ao acesso dados fundamentais para a conclusão do trabalho.

Fichamento – definição e utilidades

Os registros não são feitos necessariamente nas tradicionais folhas pequenas de cartolina pautada. Podem ser realizados em folhas de papel comum, cadernos ou, mais modernamente, em bancos de dados computadorizados, entre outros. O importante é que eles estejam bem organizados e de acesso fácil para que os dados não se percam.

Fichamento não é avaliado em si, mas como meio de se aferir a leitura da obra fichada (resultado parcial). Trata-se de um texto didático, de consulta. Não é, portanto, criativo e inventivo, mas pode conter comentários do leitor.

Texto a partir de um texto que serve de base para a elaboração de um terceiro texto > Decodificação > Codificação > Perspectiva

Fichamento – definição e utilidades

Fichas

Informativas – indicativa de tema, autor localização nos arquivos. Servem para situar o leitor (ficha catalográfica, por exemplo)

De Leitura – remetem o leitor ao conteúdo do texto-fonte

A confecção do fichamento pressupõe o conhecimento da estrutura global do texto e engloba as seguintes etapas:

Pré-fichamento – busca de unidade entre os elementos que aparecem na superfície textual. Leitura corrida. Pesquisa do Vocabulário. Leitura com pausas (sublinhar e glosar)

Fichamento – releitura e registro, o qual inclui: referência bibliográfica, tema, conteúdo (informações essenciais; ideias-síntese; frases-resumo; corpo da ficha de leitura), comentários, citações, observações e/ou anotações complementares.

Fichamento – definição e utilidades

Ficha de transcrição

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. (p. 14-15)

“Por meio da leitura, podemos, [...] realizar o [...] exercício de conhecer as pessoas e as coisas, sem limites no espaço e no tempo. Descobrimos, também, uma outra maneira de transformar o mundo, pela transformação de nossa própria mente. Isso acontece, quando nós adquirimos a capacidade de ver os mesmos panoramas com outros olhos.

.....

Talvez, no início, você encontre alguma dificuldade, mas, à medida que for lendo, verá que o próximo livro sempre fica mais fácil, pois seu repertório vai ganhando aquilo que os físicos chamam de ‘massa crítica’ e, a partir daí, você terá condições de fazer uma leitura mais seletiva da mídia, criticar as informações e construir um conhecimento original.”

Fichamento – definição e utilidades

Ficha de resumo

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção. “Condições de argumentação”*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. (p. 37-40)

Neste capítulo, o autor apresenta quatro condições para o processo de argumentação:

1ª definir **uma tese** e estabelecer o **problema** para o qual ela é resposta;

2ª ter uma **linguagem comum**, adequada as condições intelectuais e sociais, com o auditório;

3ª ter um **contato positivo** com o auditório: cumprir com respeito e humor a proposta apresentada;

4ª agir de **forma ética**, com honestidade, a fim de conferir credibilidade ao discurso.

Fichamento – definição e utilidades

Ficha de comentário

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. “Persuadindo as pessoas”. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. (p. 71)

No primeiro parágrafo deste capítulo, o autor apresenta a complexidade do ato de persuadir alguém. Devemos considerar **o que o outro tem a ganhar** ou **o que temos a ganhar** com o texto persuasivo? Esta questão merece ser aprofundada e ilustrada com outras leituras sobre o tema.

Pós-fichamento – a revisão, arquivo e consulta

Fichamento – tipologia

Existem **quatro tipos básicos de fichamentos**:

- ❖ o fichamento bibliográfico por autor – lista das obras de um autor;
- ❖ o fichamento bibliográfico por assunto – lista de obras relativas a determinado assunto;
- ❖ o fichamento de transcrição – seleção de passagens (cópia literal);
- ❖ o fichamento de resumo/analítico – síntese de um livro, capítulo, trecho ou de vários livros, em que podem ser incluídas as apreciações críticas do fichador.

Comentário

Comentário

RELAÇÃO LEITOR/OBRA

TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Coimbra: 1983, p. 152-153.

Notam-se no texto de Tacca as seguidas transformações por que passa o leitor: inicialmente convidado; depois: participante da família e por fim, transfigurado. A comparação explicita o comportamento do leitor com a obra e a impossibilidade de permanecer distante, amorfo e inerte. A leitura possibilita a transfiguração, a transformação radical que leva a atingir um estado glorioso.